



COAD. ROQUE BARONE

★ 14 de agosto de 1910

† 13 de julho de 1978

. As coisas árduas e lustrosas,
se alcançam com trabalho e com fadiga;
faz as pessoas altas e famosas
a vida que se perde e que periga,
que, quando ao medo infame não se rende,
então, se menos dura, mais se estende.

(Lus. IV, 78)

Aquela noite recolhia todo o silêncio de Cachoeira do Campo. O céu estrelado das noites frias de julho falava de espera, de expectativa. O vetusto e glorioso quadrilátero das antigas cavalaricas dos Dragões del-Rei recolhia o claror silencioso da lua. O monumento da Virgem Auxiliadora escutava o borborinho da fonte que o festeja dia e noite. O quase secular eucaliptal, testemunho imóvel de tantas lutas e glórias, apontava o céu, como indicando um fim de caminhada. Só uma porta iluminada quebrava a semi-escuridão. Era a custódia e o sacrário. Atrás de seus umbrais, o herói, trôpego e envelhecido, dava seu último respiro. **ROQUE BARONE** passava da cela ao céu no ajuntar-se dos ponteiros para as zero horas. Era o sacrifício oferecido, hóstia pura dos Salesianos do Brasil. Era a véspera do dia da chegada dos Salesianos à nossa Pátria. O senhor Roque foi festejá-la no céu.

ROQUE BARONE foi o último de uma série de heróis. Carregava consigo velhas tradições do Colégio Dom Bosco de Cachoeira do Campo. Viu tombar uma após outra as velhas pilas que sustentaram ali a obra salesiana: Sr. Fontoura, Sr. Floresta, Sr. Fábio, Sr. Remigio e, por último o inolvidável Pe. Alcides Lanna. Ajudou-os, com eles conviveu, assistiu com eles às metamorfoses por que ia passando o Dom Bosco de Cachoeira. Sua capacidade no magistério da matemática deu ao Dom Bosco uma tradi-

Depois de receber o conforto dos Sacramentos, assistido pelos irmãos, faleceu com a mesma tranquilidade com que viveu.

O exemplo e a presença do Sr. Roque estará sempre viva nesta obra. Nossa comunidade tem um protetor a mais entre os muitos que já protegem esta quase secular obra.

Que os irmãos rezem por todos aqueles que aqui tentam continuar o que tantos Salesianos realizaram.

Fraternamente,

Cachoeira do Campo, 27 de agosto de 1978.

Pe. Jacy Cogo
Diretor

DADOS PARA O NECROLÓGIO

COAD. ROQUE BARONE. Nasceu em Foglizzo (Itália) no dia 14 de agosto de 1910. Faleceu em Cachoeira do Campo, MG (Brasil) no dia 13 de julho de 1978, com 45 anos de Profissão.

ros, auxiliares desinteressados em suas iniciativas: a árvore se conhece nos frutos.

Tinha 17 anos quando veio para o Brasil. Era sobrinho do Pe. Brás Musso que o assumiu, como aluno das Escolas Dom Bosco. Até 1932, frequentou o curso de agronomia, e em 1933 fez seu noviciado em Campinas. De 1935 a 1949 foi assistente e professor de matemática em Cachoeira do Campo. Desta época é a maior parte de ex-alunos que hoje ocupam posições de destaque em Minas, principalmente.

Depois de passar dois anos de secretário em Araxá, foi transferido para Goiânia, onde foi professor e secretário até 1968, quando, por conselho médico, voltou para Cachoeira. Exerceu até 1975 o magistério, que deixou somente quando seu estado de saúde não lhe permitiu trabalhar mais como professor. Dedicou-se então ao apostolado das excursões turísticas e culturais em tempos de férias, e ao trabalho da granja nos dias letivos. Em ambas as ocupações sempre o mesmo rigor matemático. Os frutos do seu trabalho eram religiosamente revertidos em benefício da Casa de Cachoeira e da obra dos Vigilantes Mirins.

Insuficiência cardíaca e renal e arteriosclerose generalizada foram as causas de seu lento fim. As crises que se iam sucedendo sempre mais frequentes tiveram o seu auge na meia noite de 12 de julho.

ção de seriedade que dura ainda hoje.

Era exato como um triângulo equilátero. Seus alunos antigos dizem que era a clareza personificada. Para a maior parte deles bastava sua aula. Impunha-se por aquilo que era. Só sua presença e seu olhar firme punha ordem nos internos pouco afeitos à obediência. Pe. Alfredo Carrara de Melo, seu inspetor e ex-aluno o chamou de justo, na homilia de corpo presente. E justo no sentido bíblico. Falam de sua exatidão e justiça as excursões que ultimamente organizava e as impecáveis contas da granja de que tomou conta enquanto pôde.

Ao lidar com Sr. Roque, entendi o que era o “trabalho e temperança”: Trabalhar para servir os outros sem pensar em si. Deixou de trabalhar somente quando não tinha mesmo condições. Quando não pôde mais dar aulas, dedicou-se a uma granja, com a qual se ocupava todo o dia. Vi-o triste quando percebeu que não podia mais subir e descer até seu canteiro de obras. Seu trabalho temperante se mostra na pobreza que sempre praticou: Nada para si e tudo para os irmãos.

Sem muito barulho, Roque marcou presença na vida de muita gente. Em Goiânia e Cachoeira, seus ex-alunos são inumeráveis. Não perguntam por Cachoeira sem perguntar pelo Sr. Roque. Sempre teve em seus antigos alunos médicos, advogados, engenhei-

